

EXPANSIONISMO MERIDIONAL LUSO-BRASILEIRO

(Continuação)

Cel. Cav. MOACYR RIBEIRO COELHO
Oficial de Estado-Maior

2ª PARTE — CONQUISTA DO ESPAÇO GEOGRÁFICO

II — CONQUISTA E COLONIZAÇÃO DO RIO DA PRATA

A — FASE DOS ADELANTADOS

1 — DESCOBRIMENTO E PRIMEIRAS EXPLORAÇÕES

Ainda antes do descobrimento oficial do Brasil, os espanhóis, a partir da terceira viagem de Colombo, começaram a perlustrar a costa oriental da América do Sul, desde a ponta de Manzanilla, no Panamá, até ao cabo de Santo Agostinho, no litoral brasileiro. Vicente Yañez Pinzon que parece ter sido o descobridor do rio Amazonas; Diego de Lepe que percorreu o litoral norte até ao cabo de Santo Agostinho; e Alonso Vélez de Mendoza representam as atividades dos descobridores castelhanos na costa norte do Brasil entre 1499 e 1500.

A partir do descobrimento do Pacífico (1513), quando se tornou evidente que as terras descobertas em 1492 não faziam parte da Ásia mas que, pelo contrário, constituíam um Novo Mundo, reacendeu-se o ímpeto de navegantes e aventureiros na expectativa de novas e fabulosas descobertas. E a meta pretendida passou a ser o Atlântico Sul onde se presumia existir a ligação entre os dois oceanos, cujo conhecimento e conquista as coroas rivais reputavam de máxima importância.

Nesse propósito, enquanto a Espanha preparava a grande armada de Pedrarias D'Ávila, Portugal despachou no rumo do Sul, a pequena frota de Cristóvão Haro que foi, provavelmente, a descobridora do Rio da Prata (1513).

A região platina foi a seguir visitada por Juan Diaz de Solis, Piloto-Mor de Castela, o qual penetrou no estuário (fevereiro de 1516) e, tendo desembarcado na margem uruguaia, foi trucidado pelos índios Charruas que habitavam a costa e ilhas fluviais.

O fracasso da expedição de Solis não fez diminuir o interesse pela ligação interoceânica e uma nova frota, comandada pelo português Fernando de Magalhães, demanda o Atlântico Sul e penetra no estuário verificando não existir ali a tão procurada passagem (fevereiro de 1520).

Prosseguindo para o Sul, Magalhães acharia o estreito que lhe conserva o nome e realizaria a primeira viagem de circunavegação do globo.

Em 1527 Sebastião Caboto, navegante veneziano que a serviço de Castela se dirigia às Molucas, através da passagem descoberta por Magalhães, tendo atingido a Ilha de Santa Catarina, resolveu mudar o destino de sua expedição em face das fabulosas notícias que recebeu sobre o Rio da Prata.

Nessa ilha, onde se haviam estabelecido naufragos da expedição de Solis, já existia um pequeno povoado — o Pôrto dos Patos — onde escalavam os navios que demandavam o Sul. Aí Caboto teve notícia da expedição de Aleixo Garcia, um dos sobreviventes da frota de Solis que, em 1525, internando-se pelo sertão, havia chegado a Chuquisaca (Sucre, atual), onde recolhera grandes quantidades de ouro e prata.

Impressionado com tais informes, Caboto demandou o Prata e subiu o rio Paraná até a foz do Carcaraná, onde fundou o forte do Espírito Santo (junho de 1527).

Segue-se no Prata a presença de Pero Lopes de Souza (irmão e componente da Expedição Colonizadora de Martim Afonso de Souza), o qual explorou o estuário (novembro-dezembro 1531) em cuja margem esquerda andou implantando padrões significativos de posse lusitana.

2 — A EXPEDIÇÃO DE PEDRO DE MENDOZA — PRIMEIRA FUNDAÇÃO DE BUENOS AIRES

Após a viagem de Martim Afonso de Souza, sentiu a Espanha a necessidade de conter o arrojado lusitano que, já instalado em São Vicente, poderia ameaçar as possessões castelhanas no Peru.

Para arredar o perigo tratou Madri de apressar a ocupação do Rio da Prata, que já se sabia situada “a espaldas de Castilla de Ouro”, e concedeu a Dom Pedro de Mendoza, nomeado Adelantado a 1 Mai 1534, a governança de todo o vasto território banhado pelo estuário e que, limitado ao norte com a Província de Charcas, avançava para leste até o famoso meridiano de Tordesilhas.

O Adelantado — mais palaciano do que soldado — chegou ao Rio da Prata em Jan 1536 à frente de uma esquadra dotada de fartos recursos e equipada com 1.800 homens de armas.

Arribando à ilha de São Gabriel, Mendoza fez explorar ambas as margens do estuário, após o que fundeou junto às barrancas da margem esquerda e denominou de pôrto de Buenos Aires a povoação que se dispunha criar.

A vasta planura circunvizinha era habitada pelos Querandies e Guaranis das ilhas, os quais, a princípio, auxiliaram os conquistadores nos trabalhos iniciais de instalação. Mas em breve, cansados das exigências dos colonos, lhes retiraram o apoio e terminaram por entrar em franca hostilidade que, iniciada com o combate de Corpus Christi (15 Jun 1536), terminou pelo assédio às fortificações dos espanhóis cujas choças os índios tentavam incendiar.

O cêrco durou mais de 15 dias, tendo os sitiados, após se alimentarem de ratos e cobras enquanto isso existiu, passado a devorar o couro dos arreios e calçados, chegando até ao canibalismo.

Vencida a crise, prosseguem nos trabalhos de exploração. Juan de Ayollas funda o forte de Corpus Christi, próximo ao rio Caranda e sobe o Paraná em procura de vias de acesso para as regiões do ouro e da prata que sabiam existir na costa ocidental.

Entrementes o Adelantado, que não tinha notícias do seu auxiliar imediato, Ayollas, envia os capitães Juan de Salazar e Gonçalo de Mendoza para o interior do país com a missão de procurá-lo. Sentindo-se doente e anteendo o fracasso da sua empresa, Mendoza resolve retornar à Espanha e, deixando Ayollas como seu sucessor, zarpa de Buenos Aires a 22 Abr 1537, tendo falecido em viagem (23 Jun) vitimado por mal venéreo que lhe minava o organismo.

3 — FUNDAÇÃO DE ASSUNÇÃO DO PARAGUAI

A expedição de Mendoza não foi totalmente perdida porque Juan de Salazar, remontando o Paraguai, fundou próximo à embocadura do Pilcomayo uma fortaleza (15 Agô 1537) dedicada a Nossa Senhora de Assunção, origem da cidade desse nome.

Esta fundação assinala um fato relevante na história da conquista do Rio da Prata porque, fracassada a primeira fundação de Buenos Aires, a colonização prosseguiu no interior do Paraguai, centralizada em Assunção.

Por morte de Ayollas, que sucumbiu às mãos dos índios, Domingos Martinez de Irala assume a direção do que restava da expedição, faz a população evacuar Buenos Aires e instala o governo em Assunção que transformou de fortaleza em cidade (16 Set 1541).

Este primeiro governo de Irala prolongou-se de 1539 a 1542, quando chegou ao Paraguai o segundo Adelantado, Alvar Nuñez Cabeza de Vaca.

4 — EXPANSÃO TERRITORIAL DOS ADELANTADOS — SEGUNDA FUNDAÇÃO DE BUENOS AIRES

Com o fracasso da primeira fundação de Buenos Aires, e conseqüente internamento da atividade espanhola no Paraguai, o caminho na-

tural para as comunicações da metrópole com a mediterrânea Assunção passava pelo litoral brasileiro. Dessa forma, São Francisco tornou-se um porto praticamente castelhano, assim como o Porto dos Patos localizado na Ilha de Santa Catarina.

Já em 1525, partindo do litoral, Aleixo Garcia havia alcançado o Paraguai e, daí, os altiplanos da Bolívia; agora, marchavam os Adelantados e seus prepostos no rumo inverso, com o propósito de alcançar o litoral atlântico que os colocaria em ligação com a metrópole, sem passar pelas adustas paragens do Rio da Prata.

Por outro lado, à margem oriental do rio Paraná numerosas tribos indígenas tinham os seus aldeamentos, e a captura do selvagem foi sempre um grande estímulo para as incursões dos civilizados.

Dando mostras desse sentido expansionista, o segundo Adelantado do Rio da Prata — Álvaro Nuñez Cabeza de Vaca — desembarcou na Ilha de Santa Catarina a 29 Nov 1541, dela tomando posse em nome do Rei de Espanha. Aliás, fez o mesmo em Cananéia e São Francisco, ao aportar nesses locais.

Do Porto dos Patos, o governador espanhol internou-se no sertão, com destino ao Paraguai. Subiu o Rio Itapucu, transpôs a Serra do Mar, alcançou o Rio Tibagi, prosseguiu pelo Ivaí, transpôs o Piquiri para atingir o Iguaçu ao longo do qual viajou até ao Paraná, que desceu até a sua confluência com o Paraguai. Subindo este curso d'água, Cabeza de Vaca atingiu Assunção a 14 Nov 1542.

Em 1544, Martinez de Irala — então pela segunda vez no governo — incursionou pelas ribas do Paraná a pedido dos caciques de Guaíra que solicitaram proteção contra os tupis. Dessa incursão resultou a fundação de Ontiveros.

É, porém, um decênio depois (1554), que a jurisdição espanhola de Assunção começa a firmar-se à esquerda do grande rio cuja transposição punha os castelhanos diante de um imenso território. Nesse ano Irala, então pela terceira vez no governo do Paraguai, encarregou o Capitão Rodriguez Vergara de fundar a Vila de Ontiveros, à margem esquerda do Paraná, uma légua acima das Sete Quedas.

Como porém, a iniciativa não lograsse êxito, Ruy Dia Melgarejo, três anos mais tarde, transferiu a população já bastante reduzida, para outro setor junto à foz do Piquiri, repartindo-se entre os sessenta soldados "encomenderos" cerca de 40 mil aborígenes.

Em 1576 o mesmo Ruy Diaz Melgarejo fundou um novo estabelecimento espanhol, por determinação do governador Juan de Caray: Vila Rica do Espírito Santo, localizada a duas léguas do rio Paraná (margem esquerda). Vila Rica foi posteriormente transferida para a confluência do Corumbataí, no Ivaí, onde prosperou e se tornou a mais avançada atalaia castelhana do sertão de Guaíra, que dominou por mais de meio século, pois que só em 1632 veio a ser destruída pelos paulistas.

Melgarejo, que exerceu em Guaíra um domínio absoluto, em 1580 deslocou o domínio castelhano para o sudoeste de Mato Grosso, onde fundou Santiago de Xerez.

Em 1578 assume o governo do Rio da Prata Juan de Garay, que administrou em nome de "Vera y Aragon", e a corrente conquistadora que por mais de 30 anos se concentrara no Paraguai, desloca-se para o estuário. Santa Fé já fôra fundada em 1573 e Garay, em 11 Jun 1580, leva a efeito a segunda fundação de Buenos Aires; segue-se a fundação de Corrientes em 1588.

Ao chegar ao termo a fase dos Adelantados, já se havia também caracterizado o retôrno da corrente colonizadora para os vales mais próximos do estuário. Os êrmos caminhos da província de Guaíra serão, a partir do início do século XVII, a trilha predileta de dois novos elementos: do bandeirante, já localizado em São Paulo, e que desde 1585 começou a varejar o sertão; e do jesuíta espanhol, que irradiando de Assunção, orientará para Guaíra o melhor de seus esforços catequistas.

5 — REGIME DE GOVERNO — ADELANTADOS E GOVERNANTES INTERINOS

O sistema de governo que tinha como figura central o Adelantado, consistia num convênio que a Coroa estabelecia com o conquistador e, em virtude do qual, êste se comprometia a financiar e promover a colonização do território, enquanto que aquela lhe conferia, dentro de amplos limites, o exercício da governança. O contrato celebrado denominava-se "Capitulación".

O regime dos Adelantados não foi exclusivo do Rio da Prata, mas foi aí que o sistema se tornou típico e produziu melhores frutos. Durou 60 anos (1534 — 1594) e deu ao Rio da Prata seis Adelantados:

- Pedro de Mendoza (1534 — 37)
- Alvar Nuñez Cabeza de Vaca (1542 — 44)
- Juan de Sanábria (1547)
- Diego de Sanábria (1549)
- Juan Ortiz de Zárate (1574 — 75) e
- Juan Torres de Vera y Aragon (1578 — 90).

Dêstes, apenas quatro assumiram o poder, pois Juan de Sanábria morreu na Espanha e seu filho, Diego, não chegou ao destino.

Durante os largos períodos que medeiam entre os diferentes Adelantados, o governo foi exercido por governantes interinos:

- Martinez Irala (1539-1542; (1544-52); e (1552-56)
- Gonzalo de Mendoza (1556-58)
- Francisco Ortiz de Vergara (1558-65)
- Martin Suárez de Toledo (1572-74) e
- Diego de Mondieta (1576-77).

Em nome de Ortiz de Zárate governou seu preposto Felipe de Cáceres (1568-72) e em lugar de Vera y Aragon governaram Juan de Garay (1578-83) e Juan de Torres Navarete (1584-88).

O sistema dos Adelantados foi substituído em 1593 quando o vice-rei do Peru nomeou Fernando de Zárate Governador do Rio da Prata, cujo vasto território incluía também o Paraguai (até 1617). Nesse ano foi o Paraguai elevado à categoria de Governação ficando o território rioplatense com dois governos: o de Guaira ou Paraguai, cujo território abrangia o atual Paraguai e a quase totalidade do atual Estado do Paraná; e o de Buenos Aires ou Rio da Prata, cuja jurisdição estendia-se pelas atuais províncias argentinas de Buenos Aires, Santa Fé, Entre Rios, Corrientes, Patagônia, Chaco, Uruguai e a parte missioneira do Rio Grande do Sul.

Esta situação foi finalmente alterada em 1776, quando a Espanha centralizou outra vez o governo criando o Vice-Reinado do Prata, entidade política perfeitamente definida, cuja jurisdição abrangia os territórios de 4 países (Argentina, Paraguai, Uruguai e Bolívia), além de uma parte do Brasil e de algumas áreas chilenas da costa do Pacífico, a ocidente da Terra do Fogo.

Em suma, uma região que equivalia à quarta parte da América do Sul com costas sobre os dois oceanos.

B — A OBRA DE CATEQUESE

1 — QUADRO GERAL DAS ATIVIDADES JESUÍTICAS

a. A OBRA DE CATEQUESE

Quando os reis de Espanha, Fernando e Isabel, foram pelo papa designados Vicarius Cristi para os países americanos “recém-descobertos”, (bula de Alexandre II, de 4 Mai 1493) a conversão dos indígenas passou a constituir objeto de suas atividades no Novo Mundo sendo que, de 1588 em diante, as “Leyes” exigem a conquista espiritual em grande escala.

Quatro ordens religiosas destacaram-se pelo empenho em civilizar os naturais: a Ordem Dominicana, fundada por Santo Domingo de Guzmán (1215); a dos Mercenários, fundada por San Pedro Nolasco (1218); a dos Franciscanos cujo fundador foi San Francisco de Assis (1223) e, finalmente, a Companhia de Jesus, organizada três séculos depois por Santo Inácio de Loyola (1540). Os mercenários e dominicanos tiveram atuação de pouco relêvo: evangelizaram, mas não dirigiram reduções; os franciscanos levantaram os povos de Baradero, em Buenos Aires, e Itaiti em Corrientes e chegaram a organizar diversos núcleos no território de Guaira, por iniciativa de Frei Luiz de Bolaños.

Papel singular e relevante, porém, desempenhou a Companhia de Jesus cujas atividades — muito embora exercidas através de obra catequista — representaram todavia importantes fatores de colonização e de política.

Criada por um militar, em moldes militares, conseguiu a instituição inacina, sem dúvida o mais expressivo elemento com que o catolicismo enfrentava a rebeldia da Reforma, entrosar-se nas côrtes ibéricas, com a formidável obra de colonização. Dispersos pelo mundo não europeu, os seus padres, severamente recrutados, iniciaram a tarefa de conversão dos gentios.

Vindos para a América com as expedições oficiais, seu trabalho colonizador deitou fundas raízes no Orenoco onde a tarefa de catequese levou-os para regiões afastadas dos núcleos em que o homem branco dominava. Suas atividades desenvolveram-se através numerosas reduções fundadas no Marañon (Equador), em Mojos e Chiquitos (Bolívia), em Tucuman e, sobretudo, no Paraguai e regiões subsidiárias.

Na vila de São Paulo, onde a tenacidade dos jesuítas não conseguiu deter os bandeirantes em sua impetuosa arrancada de apresamento do índio, ficou atenuada a ação aglutinadora dos padres; isso mesmo ocorreu no Peru onde os inacinos foram impotentes para impedir a escravização do aborígine, desde logo empregado nas tarefas da mineração.

Estes insucessos deslocaram a maior intensidade de sua ação para o Paraguai, zona fracamente povoada pelo colonizador, mas habitada por numerosos grupos guaranis que, tendo originariamente decidido os rios Pilcomaio e Paraguai, se haviam estabelecido no curso médio dos principais formadores da bacia platina e ocupavam, não só as ribas do Paraná, do Uruguai e seus afluentes, como também grandes áreas situadas nos atuais estados brasileiros do Paraná e Rio Grande do Sul.

Barrados do acesso ao litoral pelos grupos tupis, com os quais o colonizador luso se conciliara, aquêles grupos guaranis permaneceram, na região mediterrânea, divorciados do homem europeu, português ou espanhol, até o momento em que a tarefa da catequese empreendida pela Companhia de Jesus os pôs em contato com a cultura levada do velho continente.

Em competição junto aos índios, os discípulos de Loyola eram objetivos e seguros; tocavam-lhes mais de perto o coração do que os leigos. Em primeiro lugar, falavam-lhe na própria língua, o que era, de fato, uma arma duplamente poderosa, pois, ao mesmo tempo que se tornavam mais acessíveis aos indígenas proscreviam totalmente da redução o castelhana tornando mais difícil os seus contatos com os colonos; ao mesmo tempo, adaptaram inteiramente a ordem econômica nas reduções aos hábitos comunitários dos selvagens.

Para bem se compreender a situação dos jesuítas paraguaios no Brasil meridional, devem ser consideradas as suas atividades segundo as duas etapas em que elas se desenvolveram:

a) na primeira fase que vai de 1610 a 1649, data em que Raposo Tavares ultimou a destruição dos redutos Itatins, os jesuítas realizam

uma ofensiva fulminante que, iniciada em Guaíra em 1610, domina dois terços do atual território paranaense, alastra-se pelo sul de Mato Grosso e absorve mais da metade do Rio Grande do Sul. Por outro lado, o seu rápido desmoronamento ao impacto vigoroso das ofensivas bandeirantes, demonstra que não havia, ainda, organização militar nas hostes jesuítico-guaranis que, assaltadas, preferiam abandonar o terreno e fugir para locais mais abrigados;

b) na segunda fase, iniciada em 1682 quando os jesuítas, transpondo pela segunda vez o rio Uruguai, retornam ao local da antiga catequese e criam os Sete Povos das Missões Orientais, caracteriza-se o verdadeiro Estado Teocrático, fortemente disciplinado e que ostenta características de um Estado politicamente constituído.

A militarização do gentio, posta à prova em Mbororé, prossegue e na sua história surgem, agora, vultos de eméritos combatentes guaranis, tais como Sopé Tiaraju e Nicolau Neenguiru, ao lado de Padres estrategistas e combatentes.

Impressionam, nesta fase, a organização social e econômica do Estado jesuítico, os relevantes serviços de guerra prestados pelos exércitos missioneiros e, em nosso território, a bela civilização que floresceu nos Sete Povos das Missões Orientais, rica de elementos artísticos.

O declínio vem de chofre e, inapelavelmente, com o Tratado de Madri e a Guerra Guarânica a que êle dá origem para culminar, a partir de 1767, com a expulsão dos jesuítas da América espanhola.

As administrações leigas, a falta de disciplina que só os padres sabiam impor, o relaxamento dos costumes cristãos e a disseminação dos vícios corrompem o caráter das populações missioneiras.

Incorporados ao domínio português em 1801, os Sete Povos tornam-se teatro de lutas e suas riquezas maravilhosas, alaias dos templos, prataria incontável e estátuas magníficas são defraudadas em saques consecutivos. Brasileiros e orientais, à porfia, em dezenas de carretas, transportaram para toda parte o riquíssimo espólio das Missões.

Relegados ao descaso e às intempéries, ruem os templos majestosos, que os próprios moradores dos Povos vão sistematicamente destruindo para aproveitar o material de construção.

b. AS REDUÇÕES JESUITICAS DO PARAGUAI

O foco de onde partiam as iniciativas jesuíticas para a formação de um estado teocrático, correspondia à parte meridional do atual território paraguaio. Dessa base, no quadrilátero Tibicuari-Paraguai-Paraná, foram sendo criadas as diversas missões em Guaíra, na mesopotâmia Paraná-Uruguai, no sul de Mato Grosso e no oeste rio-grandense.

Subsistem dúvidas quanto à época em que os inácianos chegaram ao Paraguai. Montoya fixa o ano de 1586; Capistrano de Abreu assinala a

data de 1610 para início de suas atividades na margem oriental do Paraná. Informações de origem remota referem-se ao pedido feito pelo primeiro bispo de Tucuman, Dom Francisco Vitoria, que, de sua sede em Santiago del Estero, pediu aos Provinciais do Brasil e do Peru que lhe mandassem alguns padres da Ordem.

De acôrdo com esse pedido teriam chegado ao Paraguai, ainda em 1586, os missionários Alonso de Barzana, João de Vilegás e João Gutierrez, tendo como superior o Padre Francisco de Ângelo. Da Bahia foram, também, enviados cinco missionários: João Seloni, catalão; Tomás Field, irlandês; Manuel Ortega e Materão de Gram, portugueses, e, como superior, o padre Leonardo Armini, napolitano.

O certo é que, em 1600, já haviam brotado as primeiras sementes das célebres Missões Guaraníticas do Paraguai sendo que, em 1604, o Superior dos Jesuítas, Padre Cláudio Soquaviva, determinava que os territórios do Tucuman e do Paraguai constituíssem uma província da Ordem, independente daquela do Peru e designava para seu Provincial o Padre Diogo de Tórres.

Por esse tempo era a catequese praticada sob a forma de "missões ambulantes", adaptando-se os padres ao nonadismo dos índios. Só a partir de 1607 este processo veio a ser substituído pelo sistema das "reduções", que parece ter sido idealizado pelo Padre Roque Gonzalez de Santa Cruz, o promotor da catequese do Rio Grande do Sul. As "reduções" eram aldeamentos estáveis onde os índios viviam confinados, isolados de contato com o elemento branco colonizador.

As primeiras e mais antigas reduções desapareceram sem deixar vestígios conhecendo-se hoje, em alguns casos, apenas os nomes e a localização aproximada.

Das que perduram, chegando mais tarde a fazer parte do Estado Teocrático dos Trinta e Três Povos, a mais notável foi a redução de Santo Inácio-Guaçu, fundada em 1609 pelo padre Marcial Lorenzana na região compreendida entre os rios Tibicuari e Paraná (sul da atual República do Paraguai).

Consolidada a redução de Santo Inácio, tem início a grande infiltração jesuítica que chegou a dominar extensas áreas situadas: ao norte, entre os rios Miranda, Apa e Paraguai; a nordeste, no vasto planalto limitado pelo Iguaçu, Paraná, Paranapanema e Tibagi; ao sul, a área trabalhada pelos jesuítas prolongava-se, através a mesopotâmia Paraná-Uruguaí, até a redução de Japeyú, próxima à barra do Ibicuí; para sudeste, transpondo o Uruguai, a infiltração remonta os seus afluentes, atinge a Coxilha Grande e a Serra dos Tapes e desce pelos formadores da Lagoa dos Patos até às vizinhanças do estuário guaibense.

Esta expansão operou-se segundo fases distintas, determinadas por razões históricas e pelas características geográficas da região.

Assinalando uma primeira iniciativa, que parece procurou fugir à zona povoada de Assunção, os padres remontam o Paraná até as Sete Quedas cujo obstáculo, forçando a incursão por terra leva-os, ao longo da rota já balizada por Cidade Real e Vila Rica do Espírito Santo, aos vales férteis dos afluentes e subafluentes do rio principal que, em grande número, cortam o vasto planalto paranaense.

Com a fundação das reduções de Santo Inácio e Loreto (1610) à margem esquerda do Paranapanema, os jesuítas penetram na região oriental do rio Paraná, que os índios denominavam Guaíra, e a província eclesiástica dêsse nome surge pouco depois, à medida que novos aldeamentos vão sendo levantados na vasta área compreendida entre os rios Iguaçu-Paraná-Paranapanema-Tibagi.

A essa altura são, portanto, duas as províncias jesuíticas na região platina: a de Guaíra e a do Paraguai sendo que esta última pouco depois desdobrar-se-ia em três — Paraguai, Buenos Aires e Tucuman — mas era em Guaíra, cuja área abrangia três graus de latitude e dois de longitude, onde os jesuítas empregavam seus melhores esforços.

Contemporâneos das reduções de Guaíra, são os redutos Itatins localizados a oeste da serra de Maracaju: Torém, Mboyboy, Terecaño, etc.

Ainda da base do Tibicuari lançam os padres um novo movimento que, orientado desta vez para sudeste, vai consistir em dois lances sucessivos: no primeiro, transpõem o Paraná e estabelecem diversas reduções na margem sul dêste rio, no divisor Paraná-Uruguai e na margem direita dêste último; no segundo, operam a transposição do Uruguai e Roque Gonzalez, ainda em 1626, deita os fundamentos de São Nicolau e inicia a penetração em território rio-grandense que os padres sabiam ser, na época, habitado de muito gentio. À fundação de São Nicolau, seguem-se as de Candelária de Caazapamini (1627) e Mártires de Caaró (1628).

Desde o ano de 1626, portanto, estavam já lançados os fundamentos dos quatro grandes aglomerados aborígenes que os jesuítas, extravasando de suas bases iniciais no Tibicuari-Paraguai, conseguiram organizar na região platina:

- os redutos itatins, ao norte, no vale do Paraguai;
- a província guarani de Guaíra, a leste do Paraná;
- os numerosos redutos guaranis que se alongavam pelo baixo Paraguai, médio Paraná e Uruguai; do rio Ipané para o sul; e
- a província dos Tapes que ocupava a região central do Rio Grande do Sul.

O rio Apa constituía o limite norte dos Itatins, enquanto que o Ibicuí pode ser admitido como sendo a raia meridional das povoações guaranis e Tapes.

Importa notar, todavia, que estas grandes colônias não coexistiram simultaneamente visto como a província dos Tapes, iniciada com a redução de Natividade em 1632, surgiu posteriormente à destruição dos aldeamentos de Guaíra (levada a efeito por Manuel Preto e Raposo Tavares entre 1629 e 1632) e teve mesmo, em consequência disso, desenvolvimento assombroso.

Ainda no vale do Uruguai, junto à barra do Rio Negro, Frei Bernardo de Gusman, por iniciativa do governo de Buenos Aires, funda o povoamento de Santo Domingo Soriano com índios Chauás e Yaros, logo seguido dos núcleos de Aldáo, Espininho e Víboras, todos localizados em território pertencente à atual República do Uruguai, e que, mais diretamente ligados a Buenos Aires, não constituíam parte integrante do núcleo principal.

Mas as bandeiras, que além do apresamento dos silvícolas cobiçam alcançar as regiões metalíferas de Charcas e Potosi, não se detêm no rio Paraná e marcham sobre o Paraguai destruindo, de passagem, os aldeamentos itatins da área Miranda-Paraguai-Apa.

O ano de 1632 assinala o início da destruição destes povos que se prolongará até 1649, e marca a conquista pelos jesuítas do país dos Tapes que os leva em menos de um lustro da costa do Uruguai às alturas que dominam o Guaíba e a lagoa dos Patos.

Em 1636 voltam as bandeiras a operar, em força, no rumo do sul. Nesse ano Raposo Tavares, com as vitórias de Jesus-Maria-José (rio Pardo) e Caaró, Caazapaguaçu, Caazapamini e São Nicolau (rio Uruguai), recalca os padres para a margem esquerda do Uruguai e o ímpeto das bandeiras no rumo do ocidente só é quebrado em Mbororé (1641), já na margem direito do Uruguai, onde as tropas jesuítico-guaranis conseguem deter os assaltantes.

Expulsos de Guaíra, repelidos da margem ocidental do Uruguai (até o Ibicuí), eliminados da área Paraguai-Miranda-Apa restam aos padres, além dos núcleos do Rio Negro, duas grandes áreas que configuram duas províncias distintas: a do Paraguai, que corresponde ao vale desse rio e Tibicuari ao sul, e, a do Paraná-Uruguai, que as prolonga do Tibicuari para o sul abrangendo o vale do Paraná, o divisor Paraná-Uruguai e a margem direita deste rio.

Coincide esta situação com o afastamento das bandeiras das rotas do sul, motivado pelos descobrimentos auríferos nos chapadões centrais. Por seu turno os jesuítas, expulsos do Rio Grande do Sul em 1636, permanecerão por 50 anos à margem ocidental do Uruguai. O equilíbrio torna a romper-se em 1687, logo após a fundação da Colônia de Sacramento, quando os padres, retornando ao local da antiga catequese, transpõem novamente o Uruguai e restauram, ainda nesse ano, os povos de São Nicolau, São Luís e São Miguel.

Seguem-se as fundações de São Lourenço e São Borja (1690), São João Batista (1697) e Santo Ângelo, constituindo em conjunto os Sete Povos das Missões Orientais, um dos três grandes grupos de povos integrantes do Estado Teocrático Jesuítico-Guarani das 33 Reduções que muitos autores limitam ao total de 30, apenas.

A razão dessa discrepância se deve ao fato de que, por ocasião da expulsão dos jesuítas dos domínios espanhóis (1767), os 30 povos sediados do Tibicuari para o sul passaram a depender de Buenos Aires, enquanto que os 3 redutos Tarumãs, localizados ao norte, permaneceram adstritos ao governo do Paraguai e não tiveram qualquer importância histórica.

c. ORGANIZAÇÃO SOCIAL E ECONÔMICA DAS REDUÇÕES

O idealizador das reduções, nos moldes que se tornaram históricos, foi o padre Roque Gonzalez de Santa Cruz, nascido em Assunção em 1576 e que incorporou-se à milícia de Loyola no ano de 1609.

Destacado inicialmente para a zona do Chaco, esteve em contato com os guaicurus das margens do Pilcomayo. Daí passou-se para a terra dos guaranis, no local da Província do Paraguai, onde a redução de Santo Inácio-Guaçu fôra recentemente fundada.

Considerando-a mal situada, transferiu-a para sítio mais favorável e imprimiu-lhe a organização que se tornaria clássica nas reduções jesuíticas.

Foi, realmente, devido à ação influente do padre Roque que alterou-se a prática até então seguida na catequese e consistente na visitação feita aos índios em seus próprios redutos.

Tal prática, introduzida pelo franciscano Frei Francisco Solano, não produzia resultados estáveis dado o caráter superficial da catequese e foi substituída pela presença permanente do missionário no seio da comunidade indígena, cujos habitantes permaneciam "reduzidos", isto é, aldeados em caráter sedentário.

A planta da nova redução de Santo Inácio-Guaçu, elaborada pelo Padre Roque, tornou-se geral entre os guaranis do Estado Teocrático.

Escolhida a região, dividia-se a área em nove quadras das quais a primeira destinava-se à praça e, em cada uma das oito restantes eram erguidos seis barracões de seis pés de altura. Cada barracão era subdividido em cinco compartimentos de vinte pés de frente, alojando cada dependência um índio com sua gente.

Fronteira ao centro da praça construía-se a igreja e, junto a esta, a casa dos padres e o colégio.

"Chamamos reduções, diz Montoya na "Conquista Espiritual", aos povos de índios que vivendo à sua antiga usança nos montes, foram re-

duzidos, pelas diligências dos padres, a povoações grandes e à vida política humana”.

Em Guaíra o sistema recebeu delineamentos práticos, e demonstrou a excelência dos resultados na ação civilizadora do gentio. Mas foi na Província do “Uruguai e Tape”, que o sistema conseguiu colimar os esperados êxitos e, ainda hoje, as ruínas dos templos atestam a magnitude desta obra da catequese.

Em cada redução, sujeito ao Superior das Missões, havia dois jesuítas: o cura e o vigário, este, geralmente um jovem destinado a aprender a língua nativa e o sistema de governo.

O Provincial era o chefe geral, tanto espiritual como administrativo e político.

A vida administrativa de cada povo ou redução comportava: um corregedor, um tenente, dois alcaides e vários regedores, todos índios eleitos pelo povo em presença do cura, a quem obedeciam tanto no referente a questões de ordem espiritual como temporal.

Além destes funcionários municipais havia um cacique, espécie de chefe militar a que os índios estavam acostumados pela própria tradição militar.

A forma de governo era essencialmente teocrática, prevalecendo a consciência religiosa do legislador, governante e juiz, no caso, o cura.

As leis penais consistiam em preceitos religiosos, cuja omissão ou infração era punida com jejuns, penitências, reclusão ou flagelação.

Alguns índios de melhor comportamento e devoção eram investidos da função de guardiões da ordem pública, cabendo-lhes denunciar e punir os culpados de faltas graves. Esta punição consistia em ser o transgressor vestido de penitente e, após comparecer ao templo onde confessava sua culpa, açoitado em praça pública.

Como a propriedade era comum e o índio não estava habituado ao direito de posse, não existiam leis que não as eclesiásticas.

As terras produtivas eram divididas em três partes: uma porção era atribuída a cada chefe de família e seu produto embora lhe pertencesse não podia ser livremente usado porque, vivendo em permanente tutela, toda a divisão cabia ao diretor espiritual.

A segunda porção da gleba era cultivada em comum e o seu produto destinava-se ao sustento das viúvas, órfãos, enfermos, caciques já velhos, empregados na administração e artífices em atividades de interesse geral.

A produção proveniente da terceira porção das terras, bem como os produtos da indústria, destinavam-se à comunidade e serviam para atender necessidades imprevistas, o culto das igrejas, a alimentação dos índios e as demais necessidades públicas e privadas.

Nas reduções não circulava a moeda e o comércio se verificava pela permuta de manufaturas, produtos agropecuários e pelas utilidades de que os índios careciam e não produziam.

Os principais artigos em exportação eram a erva-mate, a cêra e o mel de abelha e a fibra de algodão e se destinavam sobretudo a Buenos Aires.

Os templos eram magníficos e as habitações, sumárias de início, foram sendo melhoradas à medida que as reduções progrediam.

Havia escolas de primeiras letras e era corrente o ensino da música, de canto, pintura, escultura, etc.

Os povoados eram planejados e suas ruas traçadas com regularidade e simetria, apresentando tôdas o mesmo aspecto urbanístico: a grande praça ocupava o centro, enquadrada pela igreja e pelos arsenais. Ao lado da igreja ficava o colégio dos padres, seguindo-se os diversos edifícios públicos tais como armazéns, depósitos e oficinas.

As importações, provenientes sobretudo de Buenos Aires e Santa Fé, consistiam em ferro, aço, freios, estribos, anzóis e objetos de culto.

O serviço da lavoura era feito pelos homens que se encarregavam do plantio do feijão, do milho, trigo, bem como da criação do gado e da construção de edifícios, às mulheres competia a tecelagem do algodão e outras ocupações caseiras.

A base econômica das reduções estava nas estâncias e na indústria ervateira, porque sem carne e sem o mate seria quase impossível a fixação do índio à terra.

Os ervais nativos explorados pelas Missões formam faixas em que o "Ilex" se adensa. De oeste para leste, havia uma primeira faixa na região Cruz Alta-Ijuí; uma segunda, abrangendo os atuais municípios de Soledade, Passo Fundo, Erechim e Nonoai; e, por fim, a serra dos Tapes. Esta era explorada pelo povo de São Borja, a 100 léguas de distância.

Em 1660, São Xavier, na margem ocidental do Uruguai, teve os primeiros ervais plantados. O exemplo foi seguido por outras missões, porém jamais a coleta da erva nativa foi abolida.

Como o hábito de consumir mate se difundiu amplamente entre os espanhóis e crioulos do Vice-Reinado do Prata, as Missões passaram a exportar grandes quantidades de erva para Buenos Aires.

Da época dos Sete Povos das Missões em diante, a erva-mate passou a ser explorada por três diferentes sistemas de atividades; a coleta selvagem, pelos índios não civilizados; a coleta comercial e a cultura comercial permanente.

A agricultura tomou vulto considerável nas Missões Orientais. Cultivavam-se principalmente milho, batatas, mandioca, algodão, feijões e legumes, mas pouco trigo. Nas lavouras foi introduzido o arado, porém

como o gado era criado à solta, nas estâncias e vacarias, não era possível o emprêgo sistemático do estêrco. Nestas condições eram os missioneiros compelidos a adotar uma rotação de terras: após um certo tempo de cultivo, o terreno era deixado a repousar em capoeira, a fim de recuperar sua fertilidade.

d. IMPORTANCIA POLÍTICO-MILITAR DOS REDUTOS MISSIONEIROS

Desde 1637 as crônicas informativas dos padres jesuítas consignam, com fartura, os numerosos serviços de guerra prestados pelos reduzidos à Espanha constantes de dezenas de intervenções armadas, seja contra os índios hostis seja contra os luso-brasileiros.

Copiosa foi também a mão-de-obra fornecida pelos mesmos para a construção de edificações militares. Assim, trabalharam índios no Forte Tobati nos anos de 1662, 1667 e 1668; em 1664, cerca de 150 índios ajudaram a fortificar o pôrto de Buenos Aires, enquanto outros, no mesmo local, contruíram barcos em 1669. Em 1671, 500 índios armados voltam a Buenos Aires para fortificar a defesa dessa cidade; numerosas vêzes cooperaram para reparar ou levantar os diversos fortes e presídios da costa do rio Paraguai, de Santo Ildefonso e Tobati.

Em 1676, 400 índios são enviados contra os bandeirantes que haviam atacado Vila Rica do Espírito Santo.

Em 1680, a chamado de Dom José de Garro, compareceram 3.000 índios armados para o ataque à Colônia do Sacramento; em 1688 foram atacar os paulistas que tinham ocupado as terras de Xerez; em 1697, retornavam a Buenos Aires 2.000 índios; em 1700, novamente 2.000 e em 1703, mais 400 índios retornaram para obras de fortificação naquele pôrto.

Referem-se os cronistas a refregas em 1638, com os bandeirantes que haviam atacado Guaíra e em 1639, em novos encontros com os paulistas.

Sobre os reencontros de 1641, combate de Mbororé, referem as crônicas que havendo os paulistas descido em grande número durante o mês de março, foram batidos pelos índios após duras refregas.

Novos combates com os paulistas são assinalados em 1651, na província de Tapes.

Até 1680 as ações são contra os paulistas; a partir daí os soldados dos jesuítas são encaminhados para a Colônia e a atuar no litoral.

Em 1704, 300 índios trabalharam no Forte, em Buenos Aires. Em 1718, 500 índios realizaram uma incursão até Colônia onde atacaram os portugueses e queimaram milhares de couros.

Em 1724, Bruno de Zabala encaminhou 4.000 índios para atacar os portugueses em Montevidéu, 2.000 dos quais ficaram trabalhando no Forte.

Nos anos de 1724, 1725 e 1726 novos contingentes índios fortificaram Buenos Aires.

Os pedidos de reforço índio por parte dos Governadores chegaram a alcançar 12.000, em 1734.

Eram também fornecedores de cavalos para as tropas.

2 — AS QUATRO GRANDES PROVÍNCIAS JESUÍTICO-GUARANIS DA PRIMEIRA FASE

a. PROVÍNCIA DE GUAÍRA

A partir da segunda metade do século XVI São Vicente, o núcleo português de Martim Afonso, defrontava Assunção — o foco colonizador castelhano que vingara à margem do Paraguai — sendo de notar-se que, embora largamente distanciados no espaço, os dois centros populosos tinham a ligá-los um sistema de caminhos fluviais e terrestres (as trilhas pré-cabralinas do Peabiru).

Servindo-se dessas primitivas sendas começaram os vicentistas a frequentar Assunção, enquanto os espanhóis do Paraguai demandavam a costa que consideravam castelhana de Cananéia para o sul.

Estas penetrações tornaram conhecida, desde os primeiros tempos da conquista, a vasta e rica região compreendida na área formada pelos rios Paraná, Paranapanema e Iguçu, área fartamente povoada por inúmeras tribos tupis-guaranis e que os aborígenes denominavam Guaíra.

Atraídos para o litoral pela necessidade de comunicações com a metrópole, e bem avaliando a riqueza em braço escravo e recursos naturais que a região encerrava, não tardaram os Adelantados castelhanos em apossarem a vasta gleba que, aliás, lhes pertencia à luz do direito de Tordesilhas. Surgiram, assim, de 1554 a 1576 os burgos de Ciudad Real del Guaíra e Vila Rica do Espírito Santo que serviriam de ponto de apoio às viagens para o litoral, além de excelente fonte de riqueza para os conquistadores que, desde logo, repartiam entre si fartos lotes de famílias indígenas. Apenas na comarca de Vila Rica do Espírito Santo havia mais de 200.000 guaranis, localizados às margens dos rios, nos campos e nas matas.

Até 1617 o território de Guaíra fez parte da Província do Rio da Prata. Nesse ano, por sugestão do Vice-Rei do Peru, passou a constituir "Gobernación" própria (Carta Régia de 16 Dez), situação que se modificou três anos mais tarde quando a autoridade foi confiada a dois governadores sediados em Assunção e em Buenos Aires, respectivamente, e sempre na dependência do Vice-Rei do Peru.

Durante a fase da conquista notabilizou-se pela sua atuação em Guaíra o sevilhano Ruy Dias Melgarejo, que ali exerceu um domínio despótico, desde que, em 1557, fundou Ciudad Real na foz do Piquiri.

Em 1560 os naturais, revoltados contra a prepotência e a exploração de que eram vítimas, insurgiram-se contra os conquistadores. Tais excessos praticou Melgarejo que, em 1570, Irala no governo do Paraguai, quis substituí-lo por Alonso Riquelme. Mal chegado a Guaíra foi este aprisionado por Melgarejo que o manteve algemado por muito tempo enquanto prosseguia, sertão adentro, na sua obra de violência e avassalamento dos aborígenes.

Dessa forma a conquista castelhana alcançou em 1576, o Ivaí com a fundação de Vila Rica e chegou, por oeste, a Mato Grosso com a fundação de Santiago de Xerez (1580).

O segundo ato da história de Guaíra começa em 1601 quando o governador do Paraguai, Hernando Arias de Saavedra — Hernandarias — no intuito de dilatar o domínio espanhol lança-se a novas conquistas, combatendo os índios hostis e investe contra Guaíra cujos habitantes se haviam rebelado ante os maus tratos dos “encomenderos” e foi vencido pelo exército regionalista de Guairacá.

De regresso a Assunção, Hernandarias sugere a Felipe III fôsse a submissão do gentio confiada aos missionários. A Carta Régia de 1608, que resultou dessa sugestão, abriu as sendas do sertão de Guaíra à iniciativa pacificadora e catequista da Companhia de Jesus.

AS REDUÇÕES JESUITICAS DE GUAÍRA

Os primeiros missionários, em 1610, já se encontravam operando no sertão guaireño: José Cataldino e Simão Maceta, no Pirapó; Lorenzana e Francisco de São Martinho nas margens do Paraná, acolhidos pelo influente cacique Arapizandu. A partir daí foram surgindo as reduções na seguinte ordem:

1 — N.^a S.^a do Loreto, fundada em 1610 pelos padres José Cataldo e Simão Maceta que, atravessando o sertão de Apucarana, por terra, chegaram ao Paranapanema que desceram, embarcados, até a foz do Pirapó.

Aí encontraram cerca de 200 famílias guaranis, já catequizadas pelos padres Ortega e Filds.

2 — Santo Inácio Mini foi fundada no mesmo ano, seis milhas abaixo sendo, tanto esta como a anterior, localizadas na margem esquerda do Paranapanema.

Seguiram-se, sucessivamente:

3 — San Javier (1623) e

4 — San José (1624), sobre dois afluentes da margem esquerda do Tibagiba, hoje Tibagi;

5 — Angeles (1624), na margem esquerda do Corumbataí;

6 — Encarnación (1625);

- 7 — Santa Maria Maior (1626), tinha sido fundada na margem direita do Iguaçu, junto ao Salto Grande dêste rio;
- 8 — San Pedro (1627), algumas léguas a leste;
- 9 — San Pablo (1627) e
- 10 — Santo Antônio (1628), na margem direita do Guiaba, ou Ivaí;
- 11 — Santo Tomé (1628), a leste do Corumbataí; e
- 12 — Concepción de los Gualachos (1628), perto das nascentes dêste último rio;
- 13 — San Miguel (1628), e
- 14 — Jesus-Maria-José (1630), sôbre a margem esquerda do Tibagi.

As missões e cidades do Guaíra, que constam do Mapa "PARAQVARIA VULGO PARAGUAY CUM ADJACENTIBUS", ficavam compreendidas dentro dos seguintes limites:

- Iguaçu, ao S;
- Paranapanema, ao N;
- Paraná, a W e a
- Serra dos Agudos, a L.

b. OS REDUTOS ITATINS

Contemporâneos das reduções de Guaíra e, até certo ponto, fazendo parte do mesmo conjunto, os jesuítas organizaram no sul de Mato Grosso os redutos Itatins, localizados a oeste da Serra de Maracaju.

Dessa forma, anteriores aos assaltos bandeirantes a Guaíra, já existiam na região Apa-Miranda as doutrinas de Torém, Mboyboy, Terecañi, Maracaju, Caaguaçu, Ipané, Guaramboré, Atira e N.^a S.^a da Fé.

Estes estabelecimentos, que formavam a província do Itatim, eram liderados por Vila Rica do Espírito Santo e Santiago de Xerez, burgo fundado em 1580 por Ruy Diaz Melgarejo.

Abandonada que foi a província de Guaíra (1632), procuraram os jesuítas incentivar a agremiação dos índios itatins na região sudoeste do atual Estado de Mato Grosso e o seu maior esforço consistiu em multiplicar as reduções ao longo do Paraguai, alastrando-as a oeste pelas serras de Amambai e de Maracaju a Leste, tanto ao Norte como ao Sul do Apa.

Embora mais numerosos no vale principal, os povos Itatins ocupavam também a chapada da Bodoquena e alguns pontos do rio Miranda que lhes servia de limite por nordeste.

As reduções mais conhecidas localizavam-se:

a — no vale do Paraguai, a partir do sul:

- Ipabé
- Tepoti
- Andurapuca
- Santa Maria da Fé
- Angeles

b — no vale do Miranda:

- São Bento
- São José

c — no vale do Apa:

- Santo Inácio Caaguaçu
- Mboyboy.

Extravasando do eixo fluvial, alguns redutos tomaram pé nos planaltos de Maracaju e de Amambai; no Paraguai fixaram Caaguaçu e Nossa Senhora de Taré, esta última próxima ao Passo, no local onde era mais favorável a travessia do rio.

Nas proximidades dêsse ponto, assenta hoje a cidade brasileira de Corumbá.

c. REDUÇÕES DO "URUGUAI E TAPE"

A história das reduções jesuíticas no Rio Grande começa com o padre Roque Gonzalez que, nomeado Superior das "Missões do Paraná e Uruguai", decidiu operar a leste dêste rio, onde sabia viverem numerosas tribos selvagens.

Cumprе observar no entanto que, em território rio-grandense durante a primeira fase, localizavam-se reduções pertencentes a duas províncias — "Uruguai" e "Tape" — distintas quanto à posição geográfica e quanto à raça dos catecúmenos.

A "Província do Uruguai" abrangia as reduções de ambas as margens do rio e os seus habitantes eram guaranis; a "Província do Tape" situada na vasta região central do atual território sulino, limitava-se: a W, pelo alto Ibicuí; ao Norte, pela Serra Geral; a L, pelo vale do rio Caí e ao Sul pela serra dos Tapes.

Esta província congregava os índios da nação dos "Tapes", de raça "Tapuia", a que pertenciam os "minuanos", "charruas", "araxames", também chamados "patos" e "caaguás".

No ano de 1626 o padre Roque Gonzalez, acompanhado pelos padres Alfonso Rodriguez e Juan del Castillo partiu de Conceição, redução que recentemente fundara na margem direita do Uruguai, e transpõe o rio na altura da barra do Piratini.

Duas léguas adiante da barra fundou a redução de São Nicolau (3 Mai 1626), a primeira que se ergueu no Rio Grande do Sul.

Chamado a Buenos Aires, onde foi incentivado por Dom Francisco de Céspedes a prosseguir na ampliação das reduções, o padre Roque, de regresso, remontou o Uruguai e fundou a segunda redução rio-grandense, denominada São Francisco Xavier, entre a barra do Piratini e a atual cidade de São Borja (1626).

Prosseguindo, Roque Gonzalez fundou: N.^a S.^a das Candeias, no vale do Ibicuí, Candelária (1627) junto a um dos tributários do Piratini, talvez o Pirapó; no baixo Ijuí, numa coxilha denominada Pirapó, fundou Assunção do Ijuí (14 Agô 1628) e, finalmente, na região de Caaró instalou a redução de Todos os Santos da qual ficou encarregado o Padre Alfonso Rodriguez (1 Nov 1628).

Observe-se também que as graves perdas sofridas em Guaíra, não conseguiram esmorecer os padres no intento de converter o indígena angariando, ao mesmo tempo, servos para Cristo e súditos para os Reis Católicos.

Liderados pelo padre Montoya, numa epopéia emocionante, descem em canoas pelo Paraná abaixo em busca de locais abrigados que os protegessem das hordas avassaladoras de Manoel Preto e Raposo Tavares.

Privados das embarcações pela ocorrência das Sete Quedas, continuam por terra ao longo da margem direita do Paraná até alcançarem as reduções de Santa Maria Maior e Natividade do Acaraig que abandonam em 1633 para se concentrarem em solo rio-grandense.

E é a partir daí que tomam vigoroso impulso as missões dos tapes, trabalhadas agora pelo zêlo apostólico de missionários como Simão Maceta, Paulo Benavides, Luís Ernot, Pedro Mola, José Cataldino, José Domenech, Pedro Álvares e Cristóvão de Mendonça, todos veteranos dos sertões guairenhos.

Nessa altura sobreveio uma revolta dos índios, que chefiados pelo cacique Nheçu, destruíram as duas últimas reduções e trucidaram o padre Roque Gonzalez e os seus dois auxiliares.

Nesse mesmo ano (1628) tinham início, em Guaíra, as incursões dos bandeirantes.

Oito dêsses povos do Guaíra sucumbiram ou foram submetidos por Raposo Tavares, enquanto que as populações dos três restantes, chefiados pelo padre Montoya empreenderam a fuga através dos rios Parapanema e Paraná, até a região de Posadas.

Este grande contingente de guaranis emigrados veio dar maior impulso à penetração jesuítica na região dos Tapes.

Depois de superadas as dificuldades iniciais, os padres reiniciaram a marcha no rumo do oriente, que permanecia imobilizada desde a morte de Roque Gonzalez.

Coube ao padre Romero chefiar a arrancada que se fez não só pela via terrestre — Padre Romero, Cristóvão de Mendoza e Manuel Bertot — como pela via fluvial Uruguai-Ibicuí.

São Miguel (1632) é a primeira redução erigida na terra dos Tapes e se situa já na margem esquerda de um afluente do alto Ibicuí, talvez o atual Toropi.

Mas enquanto os padres Romero e Mendoza lançavam as bases de São Miguel, os padres Ernot e Benavides atingiam o alto Jaguari em cuja margem direita fundaram Santo Tomé (1632), em sítio próximo à atual cidade de Jaguari.

São José foi fundada pelo padre Cristóvão de Mendoza no local denominado Itacuati, situado a meio caminho entre as reduções de São Miguel e Santo Tomé. Essa redução, que em poucos anos alcançou 6.000 habitantes, estava localizada, provavelmente, à margem direita do Toropi não muito distante da atual cidade de General Vargas.

Natividade — Ao norte de Itacuati, sobre um monte denominado Ararica, uma nova redução foi organizada pelo padre Benavides, sob a invocação de Nossa Senhora da Natividade. O povoado que contava com umas 1.200 famílias foi, pouco depois, para a margem direita do alto Jacuí.

Para essa redução afluíram, em 1637, numerosos fugitivos vindos de Santana, São Cristóvão e Jesus-Maria-José nesse ano assaltadas pelos bandeirantes. Em 1634 a Província do Uruguai contava com 10 reduções e a dos Tapes com seis.

Sant'Ana — Em 1635, consolidadas as bases de Natividade, dirigiram-se os padres Cristóvão Mendoza e Pedro Romero para a margem direita do Jacuí e fundaram o povo de Sant'Ana em sítio favorável e que, segundo os mapas de Ernot e Carrafa, deveria achar-se no atual município de Cachoeira, na altura de Agudo ou Paraíso.

Santa Teresa — Galgando a encosta do planalto pelo vale do Cacuí, os padres atingiram a região serrana e se estabeleceram na Ibitiru em 1634 ou 1635. Este povoado fundado pelo padre Romero, sob a invocação de Santa Teresa, foi posteriormente transferido pelo padre Jimenez pelo que deveria encontrar-se na confluência dos atuais municípios de Palmeira, Cruz Alta e Carazinho. Esta foi a redução mais setentrional do Rio Grande.

Para aí afluíram, em 1637, cerca de 500 famílias foragidas de São Joaquim e Candelária que nesse ano caíram nas mãos dos bandeirantes.

São Joaquim — Partindo de Santa Teresa para o sul, o mesmo padre Romero fundou, na face oriental da serra do Botucaraí, a redução de São Joaquim, possivelmente em terras do atual município de Santa Cruz.

São Cosme e São Damião — Fundada em 1632, situava-se a poucas léguas a sudoeste de Natividade, à margem direita do Ibicuí e a leste de São Miguel, perto da atual cidade de São Pedro.

Jesus-Maria-José — A dois dias de caminho para o sul de São Joaquim, ao pé da última ondulação da serra dos Tapes o padre Romero fundou, em fins de 1632, a redução de Jesus-Maria-José, a qual, segundo as cartas de Ernot e Carrafa, teria sido colocada à margem direita do Rio Pardo, nas divisas dos atuais municípios de Santa Cruz, Rio Pardo e Candelária. Por volta de 1635 a redução congregava cerca de 10.000 almas.

São Cristóvão — Esta redução, fundada em 1634 pelo padre Diogo de Boroa a umas 4 léguas do povo de Jesus-Maria, deveria localizar-se à margem direita do Rio Pardo, mais ou menos em frente à barra do Pardinho.

Em suma, como pode-se verificar, os jesuítas no Rio Grande não se detiveram no vale do Ijuí pois que, simultaneamente, operavam não só nessa área mas também no alto Ibicuí, no Camandá e no alto Jacuí.

A fértil mesopotâmia Ijuí-Ijuizinho era conhecida como a região do Caapi e Caacapaguaçu, em oposição a Caacapa-mirim, como designavam a área entre os rios Ijuí e Piratini.

Como resultado de uma atividade prodigiosa, puderam os jesuítas criar no Rio Grande, apenas em um decênio (1626-36), cerca de dezoito reduções cujas vanguardas, ao tempo da invasão bandeirante, já se debriçavam sobre o estuário guaiabense.

3 — O ESTADO TEOCRÁTICO DOS TRINTA E TRÊS POVOS

a. CONFIGURAÇÃO DO TERRITÓRIO

Os jesuítas que, levados de vencida pelas ofensivas bandeirantes da primeira metade do século XVII, haviam abandonado o Rio Grande, o oeste paranaense e o sul de Mato Grosso, 50 anos depois tornaram a cruzar o rio Uruguai e restauraram no país dos Tapes, três das velhas reduções da primeira fase, às quais agregaram quatro novos povoamentos.

Este conjunto passou à história como os “Sete Povos das Missões Orientais” e constituía parte integrante do Estado Teocrático jesuítico-guarani. Dessa forma, ao ter início o século XVIII o conjunto, que já atingia aspecto e forma de verdadeiro Estado, abrangia um território com cerca de 54.000 km² e englobava 33 reduções.

Se considerarmos a divisão política atual veremos que a “República Cristã”, como os jesuítas denominavam o agregado dos 33 Povos, dominava as seguintes áreas:

— todo o território argentino de “Misiones” e a metade oriental da Província de Corrientes;

— quase todo o território paraguaio, exceto o baixo vale do seu rio principal de que Assunção era o centro político e colonizador; e,

— a região noroeste do Rio Grande do Sul.

É de notar-se ainda que neste Estado, onde os jesuítas mantinham grandes criatórios, a área abrangida pelas estâncias ultrapassava de muito a zona dos redutos propriamente ditos.

Segundo o Padre Guy, Belém, no vale do Ipané, era a redução mais setentrional e Yapeju a mais meridional. Como limites cita o mesmo autor: a oeste, a lagoa Iberá e o rio Miriabaí; ao sul, na margem oriental do Uruguai, o Ibicuí; a leste, as serras dos Tapes e do Erval pela picada de São Martinho; a nordeste, as matas do Uruguai até ao Mato Castelhano.

b. LOCALIZAÇÃO DOS POVOS

As 33 reduções distribuíam-se por três regiões distintas: a primeira ao norte, no setentrião do atual Paraguai, onde demoravam os três aldeamentos Tarumans; a segunda e mais importante, ao sul, abrangia uma área contínua que se prolonga do Tibicuari ao vale do Uruguai, abrigava 23 redutos; e, finalmente, a sudeste da área anterior, a partir do vale do Uruguai, localizavam-se os Sete Povos das Missões Orientais.

O quadro abaixo delimita as regiões e sub-regiões onde se localizavam as reduções:

DENOMINAÇÃO	LOCALIZAÇÃO
<i>Região Norte :</i>	
Belém	Vale do Ipané Vale do Jejuí Vale do Ivaí
Santo Estanislau	
São Joaquim	
<i>Região Sul :</i>	
Santo Inácio-Guaçu	Tibicuari—Paraguai, território pertencente ao atual Paraguai.
Santa Maria da Fé	
Santa Rosa	
Santiago	
São Cosme	
Encarnação de Itapua	
Jesus	
Santíssima Trindade	

La Candelária	}	Mesopotâmia Paraná—Uruguai atual República Argentina.
Sant'Ana		
Nossa Senhora de Loreto		
Santo Inácio-mirim		
Corpus Christi		
Santos Apóstolos		
Nossa Senhora da Conceição		
São Francisco Xavier		
Santa Maria Maior		
Santos Mártires		
São Tomé		
La Cruz		
São José		
São Carlos		
Iapeyu		
<i>Região sudeste :</i>		
São Nicolau	}	Noroeste do Rio Grande do Sul— Brasil.
São Borja		
São Miguel		
Santo Ângelo		
São João Batista		
São Lourenço		
São Luís Gonzaga		

c. MOVIMENTO DEMOGRÁFICO NAS REDUÇÕES

Em 1702 as reduções do Paraná e do Uruguai totalizavam 89.500 habitantes, assim distribuídos:

Reduções do Paraná :

	Famílias	Habitantes
Santo Inácio-Guaçu	1.005	3.700
Santa Maria da Fé	681	2.739
Santa Rosa	661	2.789
Santiago	874	3.680
São Cosme	381	1.573
Encarnação de Itapua	1.052	4.800
Jesus	240	1.018
Santíssima Trindade	—	—
La Candelária	622	2.596
Sant'Ana	542	2.225
Nossa Senhora de Loreto	1.048	4.060
Santo Inácio-mirim	590	2.080
Corpus Christi	520	2.184
São José	661	2.594
São Carlos	1.376	5.355
	<hr/> 10.253	<hr/> 41.483

Reduções do Uruguai:

	Famílias	Habitantes
Santos Apóstolos	893	3.536
Nossa Senhora da Conceição	1.485	5.653
São Francisco Xavier	1.016	4.117
Santa Maria Maior	697	2.869
Santos Mártires	639	2.124
São Tomé	1.002	3.416
La Cruz	865	3.851
São Nicolau	1.216	4.699
São Borja	780	2.600
São Miguel	636	2.197
São João Batista	724	2.650
São Lourenço	990	4.427
São Luís Gonzaga	943	3.473
Jesus Maria	75	200
Santos Reis	547	2.206
	<hr/> 12.508	<hr/> 48.018

Em 1717, segundo refere o padre Patrício Fernandez, o número de reduções já era de 31, com 121.168 almas. Parece assinalar esta data o início do clímax atingido pelas reduções, conforme se depreende do quadro abaixo:

<i>Datas</i>	<i>Habitantes</i>
1732	141.242
1733	126.389
1734	116.250
1735	108.228
1736	102.721
1737	104.473
1738	90.287
1739	84.159
1740	73.910
1741	76.960
1742	78.929
1743	81.355
1750	95.089

Nota — As cifras não incluem os três povos Tarumans sobre os quais não existem dados.

SITUAÇÃO DOS 33 POVOS DEPOIS DA EXPULSÃO DOS JESUÍTAS

Após a expulsão dos jesuítas dos domínios espanhóis, o que ocorreu em 1772, entraram as reduções em franca decadência sendo que, em 1777, um levantamento estatístico feito pelo Coronel Dom Marcos Larrazabal acusou os seguintes dados demográficos:

<i>Reduções</i>	<i>Habitantes</i>
Santo Inácio-Guaçu	1.655
Santa Maria da Fé	2.294
Santa Rosa	2.265
Santiago	3.585
São Cosme	1.709
Encarnação de Itapua	4.505
Jesus	2.392
Santíssima Trindade	1.477
La Candelária	3.077
Sant'Ana	5.643
Nossa Senhora de Loreto	2.492
Santo Inácio-Mirim	3.738
Corpus Christi	4.881
Santos Apóstolos	2.277
Nossa Senhora da Conceição	2.935
São Francisco Xavier	1.655
Santa Maria Maior	1.398
Santos Mártires	1.724
São Tomé	2.317
La Cruz	3.402
São José	2.180
São Carlos	1.968
Iapeyú	3.322
São Nicolau	3.741
São Borja	2.131
São Miguel	2.118
Santo Ângelo	2.039
São João Batista	3.087
São Lourenço	1.454
São Luís Gonzaga	3.420
Belém	—
Santo Estanislau	—
São Joaquim	—
	<hr/>
	80.881

Verifica-se o sensível despovoamento apesar das leis e dos esforços para reprimir a emigração, pois, com a falta dos padres, os índios retornaram em massa à vida selvagem; desapareceu, assim, o índio pacífico

e trabalhador e ressurgiu o selvagem, não feroz porque êle nunca o foi, mas sim indolente e indiferente à vida regular da civilização a qual, para o silvícola que se afeiçoara à disciplina e à orientação jesuítica, se afigurava desprovida de interesse e estímulo.

Trinta anos depois da expulsão, o despovoamento tinha se acentuado de tal forma que, calcula Azara, não abrigassem as reduções mais de 45.000 almas, ou seja, menos da metade do que haviãtido em 1760.

d. SÍNTESE HISTÓRICA SOBRE OS SETE POVOS

São Nicolau — Foi constituído por 3.000 índios da antiga redução de Apóstolos que transpuseram o rio Uruguai, fixando-se próximo ao sítio onde, 60 anos antes, o mártir Roque Gonzalez fundara uma redução do mesmo nome, abandonada em 1636 ante as incursões dos mamelucos.

Esse segundo São Nicolau, fundado em 1687, contava em 1691 com cerca de 3.800 habitantes em um povoado que tinha 24 ruas. Em 1707 atingia a 5.366 almas, baixando em 1822 para 250, apenas.

São Luís — Foi fundado com 900 famílias desligadas da redução de Nossa Senhora da Conceição que tinha formado a antiga redução de São Joaquim no alto Jacuí.

Em 1691, tinha 3.049 habitantes, 3.997 em 1707 e 200, em 1822.

São Miguel — Foi fundado em 1632 pelo padre Cristóvão de Mendoza; era formado por uma redução dos Tapes, destruída e abandonada em 1638 devido aos assaltos dos mamelucos, passando toda a sua população para a banda ocidental do Uruguai. Somente 50 anos mais tarde, em 1682, é que se estabeleceu novamente o Povo de São Miguel, à margem oriental do rio, embora em sítio diverso do primitivo, tendo decrescido rapidamente depois da expulsão dos jesuítas. Contava em 1694 com 4.192 habitantes, com 3.000 em 1707 e com apenas 600 em 1822. A igreja de São Miguel, cujas ruínas hoje ainda se admiram, foi construída em 1707 pelo arquiteto irmão João Batista Primoli.

São Borja — Foi São Francisco de Borja criado em 1690 com a imigração de parte da população de São Tomé, situado do outro lado do Uruguai. A este agregou-se também parte da população de Santa Maria dos Guenoas, a qual fôra fundada com índios charruas e guenoas e logo dispersa. O altar-mor da igreja de São Borja custou cerca de 3.000 bois. O povo possuía em 1694 cerca de 2.888 habitantes, 2.814 em 1807 e 400 em 1822.

São João Batista — O povo de São João originou-se de uma colônia de São Miguel e chegou a ter 40 ruas, tendo sido fundado em 1697 pelo padre Antonio Sepp.

Possuía em 1697, 2.800 habitantes e já atingia 3.361 em 1707, baixando em 1822 para apenas 300. O padre Sepp foi o descobridor do

ferro no território das Missões e, portanto, quem introduziu aí esse gênero de atividades. O candelabro da igreja de São João Batista era de prata maciça e tinha 32 braços.

Santo Ângelo — Foi formado, com o Povo de São Luís, de uma colônia que emigrou da redução de Nossa Senhora da Conceição e foi inicialmente estabelecido entre o Ijuí e o Ijuzinho. Mais tarde foi transferido para a região onde demora atualmente a cidade de Santo Ângelo, na qual ainda se podem ver os alicerces da igreja levantada pelos jesuítas. Em 1709 abrigava 2.879 habitantes, reduzidos em 1822. O general argentino Carlos de Alvear nasceu em Santo Ângelo em 1797.

São Lourenço — Foi fundado com colonos da redução de Santa Maria em 1690. Saint Hilaire, em meados do século passado, refere-se ao seu templo que, segundo diz, era o mais belo das Missões. Atribui-se a um incêndio acidental a destruição da igreja deste Povo. Idêntica versão se dá para a destruição da igreja de São João Batista. São Lourenço abrigava em 1691, 3.512 pessoas e 4.912 em 1707. Sua população em 1822, não excedia de 250 almas.

e. REDUÇÕES EM TERRITÓRIO ORIENTAL

A atividade catequizadora alcançou também o atual território uruguaio.

Em 1624 frei Bernardo de Gusmán, autorizado pelo governo de Buenos Aires, desembarca com 8 companheiros na barra do rio Negro e, em suas imediações, funda a redução de Santo Domingo de Soriano cujos primeiros colonos foram os índios chauás e os restos dos Yaros que aceitaram a proteção espanhola.

Mais adiante foram fundadas as reduções do Soriano de Aldáo, na costa do Uruguai e as do Espinilho e das Víboras que constituíram as bases da colonização pacífica do território oriental.

As reduções uruguaias, logo que submetidas ao regime de "encomienda" pela autoridade espanhola, deixaram de existir espalhando-se os seus habitantes por todo o país.

Mais tarde voltaram os chauás à foz do rio Negro e deram origem a um pórtio, atual cidade de Soriano.

Ao tempo em que foi fundada a redução de Soriano, ocorriam os assaltos dos bandeirantes a Guaíra.

As raças indígenas foram cedendo terreno à medida que os colonizadores europeus foram povoando o país, desaparecendo totalmente na República do Uruguai desde 1832, quando foram exterminados os últimos charruas por pilhagem às estâncias.

(Continua no próximo número)